

EPÍLOGO

Não sei por que razão o meu maior receio é chorar, suplicar, quebrar. Não fiz nada disso. A última vez que o vi, estava sentado, imóvel como uma estátua, a cabeça caída para a frente, como a dos mortos. Imóvel como uma estátua de olhos usados por ter perscrutado o deserto durante mil anos, impiedosamente só, abandonado. Estava concentrado em si mesmo, como se sofresse atrozmente, engelhado na roupa que trazia vestida. Os cabelos caíam-lhe para a testa e escondiam a velha cicatriz em forma de foice, que ele adorava secretamente. Não sei se me viu, mas não levantou a cabeça. (Teria gostado tanto que ele me olhasse, até ao fundo dos meus olhos, lá, onde se esconde a minha verdadeira pessoa, mas, por

outro lado, tenho um medo imenso disso...) Talvez se tenha apercebido da minha presença, como uma brisa ligeira acariciando a sua frente e levantando-lhe um pouco os cabelos, como um espectro tímido, um sonho fugaz. Precisei de anos para compreender o sentido desse instante que nunca poderei, mesmo com tenazes, arrancar ao gelo que me emprisiona. Era evidente que se tratava de um último adeus, que toda a vida me protegeria de todos os perigos... O outro ser que ele via era eu, esta criatura mais viva, mais autêntica, mais onírica, ao alcance do seu olhar. Esse ser único, nos confins da morte, partiu para sempre ao mesmo tempo que ele. Pelo meu lado, continuarei a viver, amputada, diminuída, com uma parte de mim já morta.

Ele julgava ter sido capturado para sempre nas pupilas dos carrascos e das vítimas. Como essas moscas que ficaram presas no âmbar, intactas, durante milhões de anos. Num universo onde a luz cai rapidamente, tal como uma imagem em duas dimensões, imóvel, mate, amarrada ao seu próprio crime... Ele partia para o céu, abarcando no seu último olhar a imensidão do mundo e o infinito do tempo, como um ponto que se afasta, cada vez mais pequeno, e desaparece. Deixava-me assim os seus olhos e devolvia-me à vida, talvez, ao abandonar este mundo que ficaria para sempre privado de luz. VIDA. Não é graças a esta faustosa festa de letras que sobrevivemos?

É em nome dela que nos agitamos, que contamos, que nos transformamos, que avançamos. É graças a uma força que não é a tua e que pediste emprestada a um outro tu mesmo, que atravessas a noite do mundo. É graças a uma força que pediste emprestada ao futuro que sobrevives e continuas o teu caminho rumo a um novo dia, rumo à fronteira bem nítida de todos os novos dias. Mas a tua noite chega ao horizonte muito antes de ti. Tu percorres os intermináveis corredores da memória, sobes e desces as escadas de pedra, entras nas salas desertas, esperas, escutas. Descreves círculos ora mais largos, ora mais apertados, ora no silêncio da pedra, ora no de um rosto humano, nos nós de uma floresta ou de uma força... Como um grito sem voz, uma palavra que não encontra lugar na frase, uma página semiapagada, percorres os caminhos batidos da vida e as margens da noite. O asfalto impede-te de ver o solo e os mortos, muros, tetos, portas fechadas erguem-se entre ti e a obscuridade da noite, os candeeiros públicos iluminam as tuas vãs ilusões, grandes e belos edifícios, pontes, monumentos alinham-se nas encostas abruptas da tua solidão. Separado de mim, mais longínquo, mais surdo, mais louco que os outros, retomas sempre o mesmo caminho do exílio. Chamas ora de um lado, ora do outro do abismo, ficas silencioso alternadamente entre os mortos e entre os vivos. Saído de ti mesmo, procuras um caminho feito de uma imagem

rasgada em dois e recolada, uma imagem coroada com as estrelas da tua própria noite e que te reconduzirá a ti mesmo. Muito longe dos segredos, dos pecados, das confissões, procuras os caminhos do teu próprio sangue, a porta do teu coração. Caminhas às arrecuas, cada vez mais depressa, cada vez mais vencido, para o cemitério desertado que alastra em ti. Apanhas uma palavra definida, sacodes-lhe o pó, sopras e encosta-la à orelha. Falas com ela, gritas, lanças-te no ar como um pássaro morto. Sobes para os tetos do mundo adormecido dos homens, olhas para as ruas onde não há vestígio de ti, para os horizontes longínquos. Esse é o teu último país livre! Um vento frio fustiga-te o rosto, o céu, sempre longínquo, é um vazio estrelado ou talvez um abismo sem fim. Adivinha-se um barulho de asas. Ainda estás vivo. Como a agulha de um mostrador esquecido e que espera, suspenso entre o céu e a terra, entre a vida e o nada... Sentes que o que vive contigo, o que está morto e te pertence, chamam desesperadamente, cada um deles caiu, vencido, no abismo do outro, mas continuam a chamar, ainda e ainda, sem que ninguém os oiça...

Quanto a mim... Diminuída, amputada, sempre fingi contar a minha história. A propósito de tudo e sem a-propósito. Numa linguagem despojada ou na linguagem da tragédia... Aterrorizada pelo espectro da morte, reuni quatro ou cinco palavras ocas, presas no silêncio,

usei palavras que se calam mais do que falam. Como se a vida quisesse de repente ser contada, descrita, mostrada, despejei sobre o passado metáforas anémicas, verbos tensos como molas, imagens distorcidas. Enquanto tive forças para isso. Entre os muros de palavras que la-deiam o caminho, avancei lentamente, com dificuldade, amparando-me com as mãos, como um espectro surgido ao luar, entrei sem pré-aviso na minha própria história. Numa história equívoca, a céu aberto, que até a mim parecia estranha. Escavada pelos ventos, invadida desde que nasceu pelas areias e a chuva... Ali, no meio dos montes de pedras esburacadas, fiquei sozinha num lugar onde ninguém podia juntar-se a mim: despida, perdida, definitivamente vencida. A mil léguas das tragédias, do pecado e do perdão, decifrei, letra a letra, o meu destino esfarrapado, fundi-me na lama sussurrante. Não consegui descobrir a palavra que me permita encontrar-me e libertar-me de mim mesma. Uma palavra de asas quebradas pelas pancadas recebidas durante milénios, rasgada em dois, saída das trevas e na qual a aurora poderia poisar. Escondida sob máscaras sucessivamente risonhas e chorosas, narrei coisas que, ao correr da pena, se tornaram cada vez mais incompreensíveis, segui atrás, como uma sombra impertinente, dos seus murmúrios, dos seus soluços, dos seus gritos, das suas gargalhadas. Mandei algumas para as ruas, algumas para as estrelas, algumas para

o silêncio... E a única pessoa capaz de concluir a minha história, uma história que nem sequer foi capaz de controlar a realidade, aquele que poderia ter-me posto no meu lugar e devolver-me à vida, já desapareceu há muito tempo. Apenas a vida poderia dominar, transportar o que aconteceu. Já não restava uma única palavra que não se partisse entre as minhas mãos como um raminho seco, uma única que me falasse da minha noite sem perder o seu sangue no meu silêncio...

Por vezes, no entanto, mas muito raramente, ouço em mim uma voz que parece não emanar de um ser humano nem dirigir-se aos homens. Ouço o meu sangue que acorda, escorre das minhas velhas feridas, jorra das minhas veias abertas... Ouço gritos que despertam os meus mais antigos, mais autênticos medos, recordo-me de que eles nasceram do desejo de viver. As minhas feridas falam muito raramente, mas nunca mentem. No entanto, os seus gritos horríveis, incoerentes, vêm quebrar-se contra muros intransponíveis e caem em chuva neste chão, transformado em mentira, que são o rosto e o verbo dos homens. O som deles perde-se nos meandros, nos recantos, nos impasses de um labirinto e propaga-se no vazio sem encontrar um único coração.

Parece-me que falo ora aos mortos, ora à própria vida. Não sei quem me respondeu ou responderá. Mas, por vezes, não sei porquê, um dos meus eus mirrado e

endurecido põe-se a trautear uma melodia de uma limpidez e plenitude que calam fundo no meu coração, reconheço esta voz que vem das profundezas da terra ou do céu, e recordo-me do que pensava outrora. Percebo então que ouço ainda e sempre esta melodia que sai do nada e renasce em cada uma e todas as coisas, que cresce pouco a pouco e se propaga, vaga atrás de vaga. Melodia que ganha um pouco mais de amplitude de cada vez que um homem se mete ao caminho, que passa além dos horizontes rumo ao lugar que verdadeiramente chama por ele, rumo a um coração errante, um coração sem dono, o coração de Ninguém. Rumo às profundezas, aos abismos onde todos se perderam... Nascida de um grito infundo, do riso noturno de um anjo, do que vivi, tanto quanto do que não vivi... Melodia de todas as coisas, do que está e do que vai estar perdido, da luz do dia, da poeira das estrelas, dos sonhos da cor do coração, do primeiro e do último olhar, do longe, do perto, dos adeuses que duram toda a vida, dos patíbulo, do vento, das pedras, dos cânticos fúnebres, da chuva que bate na superfície da água, escorre para o chão, enche os olhos do inexprimível... Mas a verdade é que começo sempre a canção pelo lado errado, pela nota errada.



A cabeça caiu para a frente. Dir-se-ia que encontras-
te maneira de fazer crescer flores estranhas no meio dos
pedaços de papel de seda que colaram nas tuas feridas.
Os teus olhos são como duas estrelas húmidas escondi-
das na folhagem. Afastei os ramos um a um. Procurei du-
rante dias, noites, anos. Quando acabei, já tinhas partido
há muito tempo.

O Clube do Autor agradece a sua preferência
e convida-o a visitar os nossos espaços virtuais,
onde encontrará mais informações
sobre os nossos livros.

www.clubedoautor.pt

facebook.com/Clube-do-Autor

twitter.com/ClubeAutor

linkedin.com/company/clubedoautor